



A QUESTÃO DA TÉCNICA NO PENSAMENTO COMUNICACIONAL

Giovandro Marcus Ferreira

Professor, pesquisador e vice-coordenador do Programa de Pós-Graduação
em Comunicação e Cultura Contemporâneas, na Faculdade de Comunicação – UFBA

*“Il n’y a pas de solution, parce
qu’il n’y a pas de problème”***

Marcel Duchamp

A questão da técnica sempre esteve no centro de interesse dos estudos no âmbito da comunicação mediática e tem acompanhado, depois de algumas décadas, desenvolvimento do pensamento comunicacional. Na comunicação mediática, a técnica constitui o fato comunicacional como um fato social. Aos poucos, a questão técnica vai se inscrevendo nos estudos da comunicação como um fator mediatizador, mais do que um instrumento, mas algo constitutivo da prática comunicacional. La técnica adquire uma relevância que ultrapassa esta de uma comunicação intersubjetiva, onde ela não tem um papel instaurador como este que se observa na comunicação mediática. A técnica proporciona neste tipo de comunicação, uma distância entre o sujeito e seu objeto, entre o sujeito e sua prática e entre o sujeito e o outro.

Porém, este domínio de estudo é fortemente marcado pelas análises ora sociológica, ora filosófica, ora antropológica que tiveram um grande impacto nas noções acerca da técnica que ajudaram edificar o pensamento comunicacional. As abordagens mais difundidas nos estudos da comunicação foram construídas a partir de duas vertentes - “si loin et si proche” (tão distante e tão próxima) - que buscaram caracterizar a sociedade tendo como relação determinista com a técnica. A primeira vertente situa a técnica como força motriz que transforma sociedade e muda a história.

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Teorias da Comunicação**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



A maior expressão desta abordagem é o canadense Marshall McLuhan, que surge de uma linhagem de pesquisa conduzida pelo seu orientador Harold Innis. A segunda ressalta, ao contrário, a sociedade com força determinante na configuração da técnica que surge em seu seio. A técnica como fruto de uma ciência, de uma razão forjada pelos interesses maiores que guiam a dinâmica social, política, cultural. A técnica torna-se fruto da razão instrumental. As maiores expressões desta vertente são os pensadores da teoria crítica, conhecida também pela denominação Escola de Frankfurt, como: Adorno, Horkheimer, Benjamin, Marcuse, Habermas.

Aqui não nos interessa evidenciar as diferenças – positivas e negativas - destas duas abordagens que tanto influenciaram e influenciam muitas de nossas reflexões sobre os meios de comunicação. Diversos pesquisadores já ressaltaram suas diferenças denominando como apocalípticos – aqueles que constroem uma visão crítica – ou então, integrados, para aqueles que fazem uma leitura apologética acerca da influência da técnica na sociedade.¹

Defendemos aqui, que ambas as abordagens que fortemente influenciaram o pensamento comunicacional no Brasil, nutrem-se de elementos comuns, mesmo chegando à visões aparentemente antagônicas. Ambas são colocadas numa perspectiva globalizante, ancorada nos questionamentos que buscam explicar as mudanças e os movimentos da história, sucumbindo numa visão geral (ensaística), fortemente marcada pelo determinismo, que corrói, depois algum tempo, vários domínios das ciências sociais, em especial da sociologia. Vejamos duas abordagens, tão antagônicas apresentadas no interior dos estudos de Comunicação, porém ambas se nutrem de uma mesma fonte, levando a ter uma lógica idêntica.

** *“Não há solução, porque não tem problema”*

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Teorias da Comunicação**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



A questão da técnica pelo viés da história social dos meios de comunicação

O estudo das técnicas acompanha a história das teorias da comunicação. A técnica nos estudos da comunicação através do modelo conhecido como tecnológico, que surge como resposta às questões de outros campos das ciências humanas, como a sociologia e a história. O que provoca as mudanças históricas? Pode-se caracterizar um “motor” para a história? Como a pergunta condiciona a resposta, a questão acima demanda uma resposta estrangida pela relação causa-efeito, que nos estudos da técnicas foi denominada determinismo tecnológico, que se enraizou com evidência no pensamento sociológico desde o século XIX.

No domínio dos estudos da comunicação Marshall McLuhan foi sem dúvida um protagonista quando o assunto se inscrevia no âmbito das questões da técnica. Ele vem de uma tradição canadense, orientado por Harold Innis, que trás em cena um aporte humanístico para descrever a técnica na história. Innis se ateu na descrição sobre a Mesopotâmia, Grécia numa perspectiva de explicar as causas múltiplas das mudanças históricas e os condicionamentos sociais sob a égide da técnica. Porém, ele é conhecido por ser o orientador de McLuhan, e seus livros são desconhecidos pelo mercado editorial brasileiro. Seu livro “Changing concepts of time” conseguiu uma tradução somente em 2003 no Brasil.² Fazendo uma comparação, se para Marx a explicação estava na economia para as mudanças históricas, nos modos de produção, para Innis a explicação se desloca para os meios de comunicação. McLuhan vai explorar e difundir ainda mais este filão iniciado pelo seu professor e orientador.

Porém, McLuhan, enfatiza na relação técnica e sociedade colocando a primazia nos meios de comunicação, como representantes de fases históricas e promotores de mudanças ao nível do conhecimento e da subjetividade. McLuhan busca construir

¹ ECO, Umberto, **Apocalípticos e integrados**, São Paulo, Editora Perspectiva, 1979.

uma história social dos meios de comunicação e tais meios têm igualmente um sentido amplo, que ultrapassa a noção que comumente é empregado nos dias de hoje. Uma rodovia é um meio de comunicação, a luz elétrica é um meio sem mensagem, mas não deixa de ser um meio na visão de McLuhan. Para este teórico, o homem conhece mundo agindo sobre ele e para tal ação, ele cria extensões de seus sentidos, aumentando seu conhecimento no tempo e no espaço. Toda extensão afeta o “complexo psíquico e social”, na palavra de McLuhan.³ A criação de novas tecnologias vai provocando gradativamente um ambiente humano totalmente novo. “O meio é a mensagem” pois será ele – meio ou uma nova técnica – que levará a uma mudança de escala, um novo modelo que introduz nos assuntos humanos.⁴

Assim, retomando pesquisas de Harold Innis, McLuhan afirma que *“a palavra escrita criou o individualismo e o nacionalismo no século XVI”*, ou então, que *“os efeitos da tecnologia não ocorrem no nível de opiniões ou conceitos, mas alteram os índices de sensibilidade ou modos de percepção rapidamente e sem qualquer resistência”*.⁵ Ou então, coloca a sutileza da inserção dos novos meios de comunicação e a mudança da sociedade, lembrando o papel que tinha a escravidão no mundo romano, numa citação de C. G. Jung, no seu livro *“Contributions to Analytical Psychology”*: *“Todos os romanos estavam rodeados de escravos. O escravo e sua psicologia inundaram a antiga Itália e cada romano tornou-se, intimamente e por certo, inconscientemente, um escravo. Por viver constantemente na atmosfera de escravos, infectou-se com sua psicologia. Ninguém pode se proteger contra tal influência.”*⁶

² INNIS, Harold A., **Changing concepts of time**, Toronto, University of Toronto Presse, 1952.

³ MCLUHAN, Marshall, **Os meios de comunicação como extensões do homem**, São Paulo, Cultrix, 1979.

⁴ Idem Ibidem.

⁵ MCLUHAN. M., **Os meios são as massa-gens**, 2^a. edição, Rio de Janeiro, Record, 1979, p. 21.

⁶ MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensão do homem** (understanding media), São Paulo, Cultrix, 1979, p. 37.

McLuhan parte do princípio que os homens nunca tem consciência das regras básicas de seus sistemas ambientais e culturais. Isso lembrar uma influência do behaviorismo na sua concepção, agora articulada na visão determinante (estimulante) da tecnologia e as reações (respostas) do homem diante de suas manifestações. Como ele afirma no livro “Understanding media”, “*qualquer extensão, seja da pele, mão ou pé, afeta todo o complexo psíquico e social*”.⁷ McLuhan não coloca em questão a origem e o contexto dos meios de comunicação. Além de reforçar uma visão determinista, este autor avança numa perspectiva da história social dos meios de comunicação, abandonando, no entanto, uma visão de multicausalidade histórica (Innis), passando para uma visão de monocausalidade mediática.⁸

Porém, esta tendência de posicionar a tecnologia numa perspectiva determinista no tocante à história e à sociedade tem um grande grau de sedução nos estudos de comunicação. Os sucessores de McLuhan, marcados pelo determinismo tecnológico, podem ser situados em dois grupos, que atendem aos vários gostos: tecnologia “pour le bien et pour le pire” (determinismo tecnológico para o bem e para o mal). Aqueles que seguem enfatizando a questão humanística da tecnologia onde se destaca Pierre Lévy, e de uma certa maneira, também a mediologia de Régis Debray. Numa visão niilista ou cética, no tocante ao impacto da tecnologia na sociedade, destacam-se as reflexões de Jean Baudrillard, Paul Virilio.

Porém, quem mais recupera e difunde no domínio dos estudos comunicacionais no Brasil, através da presença em dissertações e teses em comunicação, são aqueles mais empolgados com os efeitos da tecnologia na sociedade. Pierre Lévy com a antropologia do ciberespaço – Terra, Território, mercadorias e Saber – onde ele tentar situar a identidade das pessoas e os vínculos sociais pela nova dinâmica sob a égide do

⁷ MCLHUAN, M. **Os meios são as massa-gens**, op. Cit., p. 17.

⁸ ATTALLAH, Paul, **Théories de la communication – histoire, contexte, pouvoir**, Sainte-Foy (Québec), Université du Québec, 1997.



ciberespaço⁹, ou então, na sua caracterização da cibercultura onde ele busca apresentar as novas tecnologias, seu uso e suas implicações num lógica marcada pelo otimismo em relação ao funcionamento da sociedade.¹⁰

Uma outra abordagem bastante solicitada é a mediologia, que tem como autor protagonista Régis Debray.¹¹ Propondo uma nova disciplina onde articula o material, o político e o simbólico, em outras palavras, a ideologia e os aparelhos tecnológicos, para demonstrar como as idéias se disseminam e se encarnam pelas tecnologias, que ele denomina de “tecnologias das crenças”.¹² A mediologia não se restringe a ser uma ciência dos meios de comunicação, mas um esforço de relacionar os vários elementos que concorrem na evolução cultural, dando uma atenção especial aos dispositivos materiais de difusão.

Do determinismo tecnológico ao determinismo social ou de uma família sagrada à outra

Da posição de causa à posição de causada, a tecnologia se insere nos estudos da comunicação também pelo viés das reflexões dos teóricos de Frankfurt. Os mais difundidos deles no pensamento comunicacional são os considerados clássicos: Adorno e Horkheimer. Na visão destes teóricos frankfurtianos, a questão da técnica é oriunda da discussão sobre a razão. Esta é vista pelo seus movimentos contraditórios de emancipação e instrumentalização. A razão emancipadora, como o nome já evoca, é resgatada numa perspectiva iluminista, que gera luz e liberdade ao homem. Porém, o desenvolvimento da sociedade moderna representará essencialmente o desenvolvimento de outro tipo de razão, ou seja, de razão instrumental. Os apelos para

⁹ LEVY, P., **A inteligência coletiva**, 2ª. edição, São Paulo, Edições Loyola, 1999.

¹⁰ LEVY, P., **Cibercultura**, São Paulo, Editora 34, 1999.

¹¹ DEBRAY, Régis, **Cours de médiologie générale**, Paris, Gallimard, 1991.

¹² DEBRAY, R., *História de quatro “M”*, in **Revista Famecos**, Porto Alegre, PUCRS, dezembro de 1998.



a reorganização social e cultural, serão antes de tudo uma maneira para superar a crise da razão.

Adorno na crítica as “teorias positivas” que, segundo ele, se perde nos detalhes e são transformadas em ideologias. Ele propõe a *dialética negativa*, que nega a identidade entre o pensamento e a realidade, e irá forjar sua crítica no tocante às pretensões da filosofia em tentar captar a totalidade do real. Nas mãos de Adorno, a *dialética negativa* se torna uma crítica da cultura em particular e da sociedade em geral.

A *teoria crítica da sociedade*, segundo Adorno, parte do ataque a raiz da sociedade moderna, pelo desvio da razão, no desenvolvimento iluminista, transformando-se em instrumento do “sistema”. A razão, renunciando a sua autonomia, deixou de ser crítica e passou a ser técnica para administrar o *status quo*. Assim, a racionalidade, que está na base da civilização industrial, é apontada como um alicerce em decomposição.

A *indústria cultural*, constituída essencialmente pelos mass-media (rádio, cinema, publicidade, televisão...) e outros domínios forjados pela ciência e pela técnica, fazem parte do desenvolvimento da razão degenerada e é um dos principais instrumentos para a funcionamento da sociedade. A *indústria cultural* é percebida como um sistema seja no funcionamento operativo (enredo, imagens, sons...), seja na sua diversidade de meios e gêneros. Como enfatizam Adorno e Horkheimer, “*cada setor se hamoniza entre si e todos se hamonizam reciprocamente*”.¹³

A *indústria cultural* encarna e difunde um ambiente em que a técnica arremata poder sobre a sociedade reproduzindo e assumindo o poder econômico daqueles que já

¹³ HORKHEIMER, M. e ADORNO, T., **La dialectique de la raison**, Paris, Gallimard, 1989.



dominam sobre a sociedade. “*A racionalidade técnica hoje é a racionalidade do próprio domínio, é o caráter repressivo da sociedade que se auto-aliena*”.¹⁴

A força da sociedade, vertebrada pela racionalidade técnico-instrumental, se legitima e é difundida pela indústria cultural. De outro lado, se encontra o indivíduo vítima de tais estruturas, com a imagem da fraqueza e da vunerabilidade. Encontramos o desequilíbrio entre os mass-media, aqui a indústria cultural, e os indivíduos. A supremacia da sociedade sobre o indivíduos ocorre nas várias situações (trabalho, lazer...), caracterizando uma atrofia da imaginação e da espontaneidade do consumidor cultural. Assim como a evolução tecnológica marcada igualmente pela força da economia e pela força da razão instrumental, leva o indivíduo a sucumbir diante de tal aparato.

Tanto na perspectiva da teoria crítica, quanto na abordagem tecnológica de McLhuan, constrói-se uma descrição baseada numa bipolaridade e em ambas abordagens, o indivíduo é determinado seja pela novas tecnologias, seja pela razão instrumental. Esta descrição construída entre ativo-passivo é fruto da deformação do pensamento sociológico que tanto fascina certos estudiosos dos meios de comunicação. Este trabalho objetiva recuperar outras contribuições das ciências sociais, com o intuito de diversificar um pouco mais a pequena história das teorias da comunicação e trazer outra problematização em torno da questão da técnica no âmbito do pensamento comunicacional.

¹⁴ HORKHEIMER, M. e ADORNO, T., *A indústria cultural*, in COSTA LIMA, Luiz (org.), **Teoria da cultura de massa**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982, p. 160.



Para além do determinismo ou contribuições de Nobert Elias contra os falsos problemas

Apesar de sua presença em outras áreas acadêmica (sobretudo nos cursos de sociologia e antropologia) e das traduções de seus livros no Brasil, N. Elias é um pensador pouco difundido no interior do pensamento comunicacional. Sua obra é extensa e suas contribuições podem ocupar diversos domínios, porém, iremos nos ater aqui na sua crítica em relação ao determinismo nas ciências sociais.¹⁵

No seu livro “Nobert Elias por ele mesmo”, ele conta que existe um fantasma que o persegue desde muito tempo: *“eu falo ao telefone e a voz de outro lado fio, me diz: ‘Poderia falar um pouco mais forte, eu não lhe ouço.’ Eu me coloco a gritar, e a voz repete constantemente: ‘queira falar mais alto, eu não lhe ouço’.* Talvez esta cena seja evidente no que toca ao pensamento comunicacional, mas ela é válida igualmente para outros domínios das ciências sociais.

Elias buscou realizar um esforço de cientificidade e se confrontou, sobretudo nas reflexões sociais com uma série de impasses que o levou a se deparar com falsos problemas que colonizam a ciência. Ele destacou três os principais impasses que impedem a cientificidade nas ciências sociais: a metafísica, a teleologia e a normatividade.¹⁶

Segundo Elias, a tendência metafísica se caracteriza pela maneira de substancializar noções, tratados, construções mentais como seres transcendentais, sem permitir ao acesso a verificação empírica. Neste sentido que ele busca desconstruir a

¹⁵ Algumas obras de ELIAS, Nobert: **O processo civilizatório** Rio de Janeiro, J. Zahar, 1990. **Os alemães**, Rio de Janeiro, J. Zahar, 1997. **A sociedade da corte**, Lisboa, Estampa, 1987. **Introdução à sociologia**, Lisboa, 70, 1986. **Sobre o tempo**, Rio de Janeiro, J. Zahar, 1998. **A sociedade dos indivíduos**, Rio de Janeiro, J. Zahar, 1993. **Sport et civilisation – la violence maîtrisée**, Paris, Fayard, 1994.

¹⁶ HEINICH, Nathalie, **La sociologie de Nobert Elias**, Paris, Éditions La Découverte, 1997.

oposição criada entre indivíduo / sociedade, demonstrando que ele é fruto de concepção ingênua do indivíduo na sociedade, a ilusão de um indivíduo autônomo confrontado a uma sociedade externa. A reflexão acerca do indivíduo autônomo é fruto de mito, que marca o pensamento ocidental, onde a ciência deve combater este tipo de mito e não ser uma incentivadora e fomentadora.¹⁷ Aceitando tal percurso “analítico”, a ciência substancializa entidades dicotômicas, marcada pelo egocentrismo, incapaz de diferenciar a percepção do objeto analisado.¹⁸

Contra a tendência metafísica, Elias faz apelo a sua obstinação de construir empiricamente a descrição das estruturas de experiências, marcada pela verificação na confrontação de dados objetivados. Como afirma Sergio Miceli, num artigo intitulado “Norbert Elias e a questão da determinação”, Elias refutava com veemência o efeito arrastão em que certas causas provocam em muitas descrições sociais. Para ele, a análise deve provocar o desvendamento de forças atuantes nos fenômenos sociais: “*O andamento da análise propicia um desvendamento paulatino das forças sociais atuantes, das feições peculiares, do peso e da contribuição de cada um dos domínios constitutivos de uma formação histórica, sendo impossível definir a priori, ou em abstrato, a primazia desta ou daquela instância*”.¹⁹

O aspecto teleológico é ressaltado nas ciências sociais, característica de um pensamento metafísico, quando se fixa um objetivo na evolução. A teleologia carrega

¹⁷ “A idéia do indivíduo totalmente independente, do homem absolutamente autônomo, e portanto absolutamente livre, constitui o núcleo de uma ideologia burguesa que ocupa um lugar preciso no arcabouço das doutrinas sociais e políticas contemporâneas.” Elias, N. ELIAS, N., **Nobert Elias par lui-même**, Prais, Fayard, 1991, p. 168.

¹⁸ “*É impossível compreender e mensurar intelectualmente os inúmeros aspectos do universo dos homens, inclusive nas relações uns com os outros, caso se parta, como fazem os filósofos tradicionais, do indivíduo isolado – com se o homem pudesse verdadeiramente tornar-se um homem sem viver com outros humanos e sem aprender sobre as coisas com eles.*” ELIAS, N., Idem ibidem, p. 125.

¹⁹ MICELI, S., “*Nobert Elias e a questão da determinação*”, in Vários, **Dossier Nobert Elias**, São Paulo, Edusp1999, p. 119.

em si uma vontade de pensar a ordem como vontade de ordenamento, fruto de uma projeção egocêntrica da pessoa sobre o processo histórico. Nas “análises” acerca da tecnologia, facilmente podemos observar uma vértebra que conduz a descrição rumo ao bem ou do mal da evolução da sociedade ou do surgimento de uma nova tecnologia. Este tipo de descrição está sedimentado num pensamento mágico-mítico, que tanto seduz parte da academia.

O esforço de construção de cientificidade fez, igualmente, que Elias se confrontasse com a normatividade, ou como ele mesmo denominava, o “entrate normativo”. A sobredeterminação normativa é explicitamente presente no historicismo, que considera a evolução social regida por funções ideais. No funcionalismo a “análise” sob a égide normativa cristaliza a descrição a partir de funções / disfunções de acordo com as normas estabelecidas pelo pesquisador. A polaridade axiológica é oriunda de uma visão bipolar sustentada por valores do pesquisador. Contra esta axiologia normativa, Nobert Elias irá fazer apelo à “neutralidade axiológica”, ventilada desde o século XIX no pensamento sociológico. Um dos propósitos de Elias, no livro “Engajamento e distanciamento” se inscrever no debate que atravessa as ciências sociais sobre a dependência que associam os saberes sobre a sociedade aos julgamentos e engajamentos dos pesquisadores. Ele pleiteia a objetivação das posições do pesquisador, buscando um “desencantamento emocional”, para uma melhor separação do saber científico em relação aos preconceitos, aos afetos.²⁰

Confrontando com estes entraves, Elias almeja discutir, igualmente, o que impulsiona o pesquisa científica, isto é, a formulação de problema. No fundo, para Elias os três impasses principais das ciências sociais levaram este domínio do saber a girar em torno de falsos problemas. Resgatamos aqui em nosso estudo tal preocupação,

²⁰ Ver ELIAS, N. **Engagement et distanciation**, Paris, Fayard, 1993.

porque acreditamos que a questão da técnica no pensamento comunicacional é fortemente influenciado por problemática de difícil comprovação científica, bipolarizada entre técnica/indivíduo, técnica/sociedade... Os falsos problemas, segundo Elias, foram criados por vários fatores, onde ele destaca: o logicismo, a relação de causalidade, o pensamento descontínuo e o fatiamento (decoupage) disciplinar.²¹

O reducionismo lógico – o logicismo – é evidenciado quando lembramos do dizer de Marx, que via uma inversão de alguns analista que pegam “as coisas da lógica, pela lógica das coisas”. O logicismo sedimenta um esquema normativo e unicista, onde as ações humanas correspondem a uma causalidade, que nas abordagens dita tecnológica os homens estão constantemente sendo configurados pelo impacto das novas tecnologias, ou então, sendo causados pelos meios de comunicação e estes respondendo a uma lógica onipresente que rege toda a sociedade. Nesta forma rígida de descrição da sociedade não há lugar para a dimensão da experiência e suas ambivalências, mesmo levando em consideração que os processos sociais possam atender a uma ordem lógica. Como dizia, N. Elias, a evolução histórica da humanidade se fomenta de múltiplos projetos, mas sem projeto, animada por múltiplas finalidades, mas sem finalidade.²² Assim ele busca erradicar a noção de progresso e finalidade que rege muitos estudos sobre a sociedade, como também podemos visualizar tais deturpações sobre a questão da técnica.

Eis, então, uma questão: como se distanciar das explicações causais, ou da relação causa-efeito para reconstruir uma coerência geral em torno dos objetos sociais em geral, e dos tecnológicos e mediáticos em particular para dar conta dos fenômenos sociais? Como cita N. Heinich, Elias brincava com a “tradição racionalista” que fora incapaz de raciocinar além dos termos de “leis”, que tende a “relegar no inferno da

²¹ HEINICH, N., op. cit.

²² ELIAS, N. La société des individus, op. cit.

irracionalidade tudo que não se deixa representar em termos de ligações causais e mecânicas”.²³

Um outro aspecto confrontado por Elias é o pensamento descontínuo que constrói fronteiras artificiais, que leva igualmente a aporias, a falsos problemas. Nesta perspectiva que Elias enfatiza sua crítica à dicotomia indivíduo / sociedade, que tornou-se um dos problemas fundamentais das ciências sociais, como típico impasse que gera “falsos problemas indissolúveis”. No nosso caso específico, tal observação se torna pertinente quando se percebe que a questão da técnica é formulada, com frequência, a partir a bipolaridade indivíduo / técnica. O dualismo reduz a descrição para uma ótica do tipo bem ou mal como foi mostrado anteriormente neste artigo. A técnica está contra o indivíduo, levando à bestialidade, ou ela o transforma num demiurgo em ascensão.

Assim o trabalho do cientista social, a partir destas observações, é levado a um trabalho de pesquisa empírica para sustentar seu estatuto de construtor de teoria, e por conseguinte, se confrontar com problemas que possam conduzir a verificação. Talvez por este viés possam passar as questões da técnica no interior do pensamento comunicacional, adquirindo um maior embasamento científico, contribuindo assim com a produção acadêmica através de artigos científicos, além dos inúmeros ensaios – bastantes sedutores – que abordam a questão técnica a partir dos estudos comunicacionais. Atendendo esta via, iremos expor, então, na parte final deste artigo, algumas abordagens que têm buscado um outro caminho no estudo da técnica que começam a fazer parte do pensamento comunicacional.

²³ HEINICH, N., op. cit.



Em busca de uma cientificidade no estudo das técnicas no âmbito pensamento comunicacional

Para fazer justiça a história das teorias da comunicação, uma das primeiras abordagens que se deparou com a técnica e buscou fugir do determinismo foi o modelo dos “efeitos limitados” ou “two step flow”. Infelizmente tal aspecto ficou um pouco esquecido, pelo fato de ter priorizado neste modelo sua descrição do contexto social, a importância líder de opinião na comunidade e sobretudo pela importância adquirida pelos dois fluxos da comunicação e o papel limitado dos efeitos – predominantemente de cristalização – no tocante aos meios de comunicação.²⁴

Porém, no interior dos estudos dos “efeitos limitados” engendrados por Lazarsfeld nos anos 40, Katz realizara, nos anos 50, pesquisas sobre a difusão de novos medicamentos junto aos profissionais da medicina nos EUA. Ele observa que os primeiros que adotam uma nova técnica são os futuros líderes de opinião, aqueles que estão mais abertos e propícios às influências externas, são igualmente os que consomem mais os meios de comunicação. No processo two step flow não são definidos pelas suas implicações na adoção de novas técnicas, mas, sobretudo, pela sua abertura ao exterior. No entanto, eles são apresentados com a propensão geral à inovação técnica no sentido lato. Mais tarde, percebe-se toda uma investida da sociologia da técnica que vem corroborar neste sentido, com Bruno Latour, Michel Callon, onde o líder de opinião torna-se porta voz e é aquele, que geralmente, primeiro assimila as etapas iniciais do processo de inovação técnica.²⁵

A abordagem dos “efeitos limitados” foi uma investida que se ateu em estudos de grupos sociais, seu funcionamento, o papel de seus líderes. A caracterização desses grupos servia para melhor compreender o tipo de filtragem ou de negociação com que era proposto, no caso, pelos meios de comunicação. Esta abordagem foi também usada para analisar o poder de persuasão dos meios de comunicação na introdução de novas técnicas, sendo

²⁴ Ver WOLF, Mauro, **Teorias da comunicação**, Lisboa, Editorial Presença, 1987.

²⁵ FLICHY, Patrice, “La question de la technique dans les recherches sur la communication”, in Vários, **Sociologie de la communication**, Paris, Réseaux / CNET, 1997.



bastante utilizada no meio rural, em atividades agrícolas. Aqui, percebe-se, igualmente, um deslocamento *vis-à-vis* a problemática da recepção, mesmo que não seja nos marcos que entendemos nos dias atuais, assim como, o de pensar a técnica não numa relação causa-efeito - mas nunca relação mais equilibrada entre as partes implicadas.

A tendência em migrar a pesquisa da comunicação mediática junto ao público ou a recepção foi sendo ampliada. Assim, assistimos um deslocamento da importância do líder, como filtro que limita os efeitos dos meios de comunicação, para a comunidade, a vida cotidiana para explicar os usos de novos meios de comunicação, de novas técnicas. Podemos aqui destacar duas vertentes que estão na ordem do dia e que resgatam alguns paradigmas comentados acima: os estudos culturais (*cultural studies*) e uma perspectiva de construção de uma sociologia da inovação técnica.

Os estudos culturais surgem da clivagem dos estudos críticos (marcados por pensadores marxistas), pela semiologia francesa, onde alguns buscavam submeter suas hipóteses à verificação empírica. Havia, desde do início, uma preocupação de averiguar as hipóteses em campo, como demonstra já no subtítulo do clássico livro de Hoggart: *The Uses of Literacy, aspectos da vida das classes populares*.²⁶ Além de ter esta característica empírica, a abordagem antropológica salta aos olhos, sobretudo pela sua vertente etnográfica e etnológica.

O estudo da recepção se faz cada vez mais presente nos estudos dos meios de comunicação em geral, e em particular, como desdobramento de paradigmas que vertebraram a sociologia da comunicação mediática. O estudo da recepção enfatiza, normalmente, uma visão antropocêntrica em vez de uma visão mediocêntrica dos meios de comunicação, ou então, como declara Martín Barbero, tais estudos deixam os meios para passarem às mediações sociais.²⁷ E é nessa migração em direção à recepção que os estudos de comunicação se ancoram em conceitos como hegemonia, negociação, hibridização entre outros, para darem conta de tais mediações, ou melhor como ressalta o mesmo autor, dar

²⁶ HOGGART, Richard, **La culture du pauvre**, Paris, Les editions de Minuit, 1970.

²⁷ MARTÍN-BARBERO, Jesús, **Dos meios às mediações**, Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1997.



conta das “mediações comunicativas da cultura”. Apesar da necessidade de sedimentar vários conceitos que flutuam nas descrições dos autores que se inscrevem no âmbito dos Estudos Culturais, percebe-se avanços no tocante à concepção da técnica nos fenômenos sociais em geral e nos da comunicação mediática em particular, comparando com outras abordagens apresentadas no início deste trabalho.

Porém, aproveitando os estudos de vários teóricos da cultura, a questão da técnica no interior do pensamento comunicacional vem sendo revisitada graças as contribuições de setores das ciências sociais. Na busca de produzir uma compreensão em torno das inovações técnicas, um grupo que forma o CNET (centro de estudos sobre as telecomunicações, ligado a France-Telecom), tendo como um de seus teóricos, o sociólogo Patrick Flichy, convoca diversas disciplinas para tratar a questão da técnica como um *ensemble* cultural. Tal investida busca ultrapassar as dicotomias que fragmentaram e deturparam o estudo da técnica no passado: a separação entre invenção e difusão de uma nova técnica, ou então, a separação entre a influência dos meios de comunicação na sociedade e as condições de emergência de novos sistemas de comunicação.²⁸

O reposicionamento da questão da técnica nas pesquisas de comunicação leva ao abandono da noção de causalidade (determinismo) em detrimento de uma análise das múltiplas mediações que ligam a técnica à sociedade, numa perspectiva circular.

“Para explicar o aparecimento de um novo meio de comunicação, é preciso integrar a história na sua longa e curta duração, é igualmente conveniente articular a técnica e o social... O imaginário tem freqüentemente um papel essencial na elaboração de um novo meio de comunicação. Inicialmente o imaginário técnico: uma comunidade, de engenheiros e de inventores, se fixa coletivamente um desafio tecnológico... Mas as novas tecnologias são também detentoras de todo um imaginário social no qual participam os engenheiros, os inventores e uma parte do grande público.”²⁹

²⁸ FLICHY, P., *L'innovation technique*, Paris, Editions la Découverte, 1995.



A problemática de uma teoria da inovação tecnológica se coloca sobre um plano de saber como se constrói as relações sociais na e pela tecnologia. Como se pode operar no interior de um mesmo círculo o quadro de funcionamento (produção), o quadro de utilização (recepção), contendo suas diversas etapas de formação, negociação, até chegar a um patamar de estabilidade de uma nova tecnologia e seu uso na sociedade.

Nesta ótica, o aparecimento de uma nova técnica será vista inicialmente, como sendo forjada pela cultura onde ela emerge. A nova técnica pode ser vista a partir do imaginário social e suas utopias, na interação dos diversos atores implicados no interior de um laboratório, seja igualmente no quadro de funcionamento, quer dizer, na fase de elaboração, através de sucessivas trocas: as negociações do quadro de funcionamento não ocorrem somente na fase de normalização, mas através de vários níveis, como os membros de uma equipe; entre suas comunidades técnicas sob forma de artigos, congressos; mas também entre os laboratórios e os fabricantes, entre estes e os responsáveis da produção em grande escala... até a negociação com os usuários.³⁰

O quadro de utilização é um outro terreno fértil de inúmeras negociações. Um dos primeiros quadros de utilização é o quadro demonstrativo de uma invenção, aquele quadro que busca justificar o investimento para a criação de uma nova tecnologia (Graham Bell argumentava e demonstrava a necessidade da criação do telefone para ouvir música). Um segundo quadro de utilização será concebido pelos engenheiros de produção, que irão, normalmente, articular a nova invenção com objetos próximos, que já estão sendo utilizados. Em seguida, novos quadros de utilização irão aparecer na busca de atender as expectativas do público através de pesquisa-desenvolvimento,

²⁹ FLICHY, P., *La question de la technique dans les recherches sur la communication*, in BEAUD, Paul et alii., **Sociologie de la communication**, Paris Reseaux / CNET, 1997.

³⁰ Idem ibidem.



marketing... Depois dessas etapas, ainda existem outras no interior do grande público até que uma nova invenção se torne estável.

Todo este processo que se insere no quadro de utilização é pleno de estratégias e táticas que envolvem negociações de diferentes atores, não deixando espaços para se pensar a técnica de forma determinista ou causal. A pesquisa sobre a inovação técnica busca uma referência teórica um pouco mais complexa do que habitualmente a técnica é apresentada,³¹ e se torna um bom exemplo da riqueza deste domínio que pode ser recuperada pela pesquisa com suas inúmeras possibilidades de articulação interdisciplinar. Ou então, nas palavras de Flichy, “*Quando se percorre o caminho da inovação, constata-se que não existe separação radical entre a construção técnica do objeto e sua construção social*”.³²

Um grande objetivo da sociologia da inovação técnica é de saber como se constrói a relação social na e pela máquina, isto é, no domínio do pensamento comunicacional, nos e pelos meios de comunicação. É certo que tal investida não ambiciona explicar nem descrever as grandes investidas políticas que podem impulsionar e favorecer novas técnicas na sociedade. Ela não se propõe, no atual estágio a tal objetivo, porém esta perspectiva analítica que busca aproximar a construção técnica e a construção social pode ajudar o pensamento comunicacional a enterrar certos fantasmas que acompanham e acompanham com frequência as discussões no âmbito dos estudos da comunicação quando é tratada a questão técnica.

³¹ Os trabalhos de Michel de Certeau têm muito contribuído para o reforço da articulação técnica e cultura. Ver CERTEAU, M. **L'invention du quotidien I. arts de faire**, Paris, Gallimard, 1990.



BIBLIOGRAFIA

ATTALLAH, Paul, **Théories de la communication – histoire, contexte, pouvoir**, Sainte-Foy (Québec), Université du Québec, 1997.

BABIN, Pierre e KOULOUMDJIAN, Marie-France, **Os novos modos de compreender a geração do computador e do audiovisual**, São Paulo, Edições Paulinas, 1989.

BEAUD, Paul et alii., **Sociologie de la communication**, Paris Reseaux / CNET, 1997.

CASSOU, Jean (org.), **L’homme, la technique et la nature**, Paris, Éditions Rieder, 1938.

CASTELLS, Manuel, **A sociedade em rede – a era da informação: economia, sociedade e cultura**, vol. I, São Paulo, Paz e Terra, 1999.

CERTEAU, Michel de, **L’invention du quotidien I. arts de faire**, Paris, Gallimard, 1990.

COSTA LIMA, Luiz (org.), **Teoria da cultura de massa**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

DEBRAY, Régis, **Cours de médiologie générale**, Paris, Gallimard, 1991.

-----, *História de quatro “M”*, in **Revista Famecos**, Porto Alegre, PUCRS, dezembro de 1998.

ECO, Umberto, **Apocalípticos e integrados**, São Paulo, Editora Perspectiva, 1979.

ELIAS, Nobert, **O processo civilizatório** Rio de Janeiro, J. Zahar, 1990.

-----, **Introdução à sociologia**, Lisboa, 70, 1986.

-----, **A sociedade dos indivíduos**, Riode Janeiro, J. Zahar, 1993.

-----, **Sport et civilisation – la violence maîtrisée**, Paris, Fayard, 1994.

-----, **Nobert Elias par lui-même**, Prais, Fayard, 1991, p. 168.

-----, **Engagement et distanciation**, Paris, Fayard, 1993.

FLICHY, Patrice, **L’innovation technique**, Paris, Editions la Découverte, 1995.

³² FLICHY, Patrick, “L’historien et le sociologue face à la technique”, in revue Réseaux, N° 46/47,



-----, **Une histoire de la communication moderne**, Paris, La Découverte, 1991.

-----, “L’historien et le sociologue face à la technique”, in revue **Réseaux**, N° 46/47, Paris, CNET, mars-avril-mai-juin 1991.

HEINICH, Nathalie, **La sociologie de Nobert Elias**, Paris, Éditions La Découverte, 1997.

HOGGART, Richard, **La culture du pauvre**, Paris, Les éditions de Minuit, 1970.

HORKHEIMER, M. e ADORNO, T., **La dialectique de la raison**, Paris, Gallimard, 1989.

INNIS, Harold A., **Changing concepts of time**, Toronto, University of Toronto Presse, 1952.

LATOUR, Bruno e WOOLGAR, Steve, **A vida de laboratório – a produção dos fatos científicos**, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1997.

LEMOIS, André, **Cibercultura – tecnologia e vida social na cultura contemporânea**, Porto Alegre, Editora Sulinas, 2002.

LEVY, Pierre, **A inteligência coletiva**, 2^a. edição, São Paulo, Edições Loyola, 1999.

-----, **Cibercultura**, São Paulo, Editora 34, 1999.

MARTIN-BARBERO, Jesús, **Dos meios às mediações**, Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1997.

MCLUHAN. Marshall, **Os meios são as massa-gens**, 2^a. edição, Rio de Janeiro, Record, 1979, p. 21.

-----, **Os meios de comunicação como extensão do homem** (understanding media), São Paulo, Cultrix, 1979.

SCHEPS, Ruth (org.), **O império das técnicas**, São Paulo, Papirus, 1996.

MICELI Sergio e alii., **Dossier Nobert Elias**, São Paulo, Edusp1999.

WITKOWSKI, Nicolas, **Ciência e tecnologia hoje**, São Paulo, Editora Ensaio, 1995.

WOLF, Mauro, **Teorias da comunicação**, Lisboa, Editorial Presença, 1987.

Paris, CNET, mars-avril-mai-juin 1991, p. 51.